A questão democrática na América do Sul e a queda de Fernando Lugo

Israel Roberto Barnabé^I

Flora Carvalho de Oliveira e Freitas Fonseca^{II}

Marcos Rogério Vieira de Araujo Filho^{III}

Resumo: O trabalho apresenta uma discussão sobre a deposição do presidente paraguaio Fernando Lugo a partir da análise de dois modelos democráticos vivenciados pela América do Sul na contemporaneidade: de um lado, uma democracia popular, representada por governos de centro-esquerda preocupados com o interesse nacional e com as políticas públicas, criticando, portanto, a importação de modelos político-econômicos e buscando caminhos relativamente mais autônomos, e, de outro lado, uma democracia liberal, representada por governos mais alinhados com os Estados Unidos e com as premissas neoliberais.

Palavras-Chave: Democracia, América Latina, Fernando Lugo, Globalização

The issue of democracy in South America and the fall of Fernando Lugo

Abstract: This paper presents a discussion about the deposition of Paraguayan Fernando Lugo from the analysis of two democratic models experienced by South America now a days: on one side, a popular democracy, represented by center-left governments concerned with the national interest and public policies, criticizing, therefore, the import of political-economic models and seeking relatively autonomous paths, and, on the other hand, a liberal democracy, represented by governments more aligned with the United States and the neoliberal premises.

Keywords: Democracy, Latin America, Fernando Lugo, Globalization

Artigo recebido em 01/04/2016 e aprovado em 07/04/16.

Padronização *versus* Fragmentação nas Américas

As questões e os desafios colocados pelo sistema internacional na contemporaneidade são, em grande parte, resultado dos acontecimentos e movimentos produzidos nas últimas décadas do século passado. Genericamente conhecido como ‘globalização’, o processo tornou mais complexas as relações internacionais e,

A QUESTÃO DEMOCRÁTICA NA AMÉRICA DO SUL E A QUEDA DE FERNANDO LUGO

ISRAEL ROBERTO BARNABÉ, FLORA CARVALHO DE OLIVEIRA E FREITAS FONSECA E
MARCOS ROGÉRIO VIEIRA DE ARAUJO FILHO

naturalmente, seu entendimento. De maneira resumida, podemos assinalar três fatores e dois movimentos que deram nova forma ao sistema internacional. Os fatores seriam: i) histórico - o desmantelamento da União Soviética e do muro ideológico que, de certa forma, dificultava o avanço do capital para algumas partes do planeta; ii) sistêmico – a ‘natural’ expansão do capitalismo/a reprodução ampliada do capital, fator *sine qua non* para a manutenção do sistema; iii) científico – o desenvolvimento da tecnologia, interligando bolsas de valores, possibilitando a veiculação da informação em tempo real e causando importantes transformações nos processos produtivos. Padronização e Fragmentação são os dois movimentos contraditórios do sistema que tomam forma nas áreas econômica, política, social e cultural.

A (tentativa de) padronização econômica pautou-se pelo chamado ‘Consenso de Washington’ que apontava, nos anos 1990, quais os caminhos que deveriam ser trilhados, principalmente pelos países em desenvolvimento, para que a nova ordem pudesse ser constituída. Dentre os preceitos do Consenso destacam-se: i) o compromisso dos países com o livre comércio, ii) a diminuição do papel do Estado que deveria afastar-se da economia (ambos ocasionando, em alguns países, um grande número de privatizações), iii) a diminuição do déficit público (que no Brasil expressou-se na Lei de Responsabilidade Fiscal, gerando, para alguns estados e municípios, uma série de dificuldades de investimentos), iv) o controle da inflação, v) privilégios e garantias econômicas às empresas estrangeiras muito semelhantes aos concedidos às empresas nacionais. Se, por um lado, as medidas econômicas que marcaram as últimas décadas propiciaram aos países um aumento significativo no número de parceiros comerciais e no volume de produtos comercializados, por outro, sem a atuação do Estado, a volatilidade financeira, o capital especulativo e a voracidade do mercado trouxeram à tona uma série de problemas, expressos, de maneira mais impactante, na grave crise econômica mundial, e também na visibilidade dos limites que marcam este início de século e que exigem dos países atitudes consensuais e medidas urgentes e coletivas. Destacam-se: o limite do meio-ambiente, das fontes de energia, das matérias-primas, da má distribuição da renda global, da intolerância, etc. É bem verdade que estes problemas não surgiram acabados nas últimas décadas. São, de fato, fruto de um processo histórico mais longo. Entretanto, sem dúvida nenhuma, foi a globalização do modelo neoliberal de desenvolvimento que ampliaram tais problemas, mostrando à humanidade os imensos desafios que deverão ser enfrentados ao longo do presente século.

Os avanços tecnológicos são, por sua vez, responsáveis pela diminuição do tamanho do planeta. A tecnologia de informação/comunicação, os avanços na área dos transportes, as inovações dos processos produtivos, e a internet exigem um repensar na relação tempo/espaço ao diminuírem as distâncias e aproximarem mercados e indivíduos. A interligação das bolsas de valores, a notícia em tempo real, e o poder dos

A QUESTÃO DEMOCRÁTICA NA AMÉRICA DO SUL E A QUEDA DE FERNANDO LUGO

ISRAEL ROBERTO BARNABÉ, FLORA CARVALHO DE OLIVEIRA E FREITAS FONSECA E
MARCOS ROGÉRIO VIEIRA DE ARAUJO FILHO

meios de comunicação tanto no cotidiano dos indivíduos como na esfera política exigem uma grande habilidade de governos e da sociedade civil para o entendimento da realidade, a clareza dos problemas e desafios, a elaboração de demandas e interesses, e a busca de caminhos e soluções.

Do ponto de vista sociocultural, o mundo assiste, não de maneira passiva ou acomodada, a expansão de valores e padrões culturais do ocidente, marcada principalmente pela divinização do consumo. Conforme afirma Milton Santos^{IV}, o consumo se revela hoje como o pior dos fundamentalismos, agravado pelo fato de que no mundo atual apenas uma minoria pode realmente consumir. Na mesma linha de pensamento, Octavio Ianni^V mostra que, para além da globalização de um modo específico de produção, o capitalismo atual engendra nos povos um modo de pensar e sentir, uma visão de mundo e receitas de como agir. Evidentemente, todo esse processo de padronização cultural - *the occidental way of life* – não se materializa sem reação. Por todo o mundo têm surgido manifestações, que se expressam das mais variadas formas, contrárias às tentativas de uniformidade cultural. Desde os protestos antiglobalização que, sob várias bandeiras, tumultuam os Fóruns Mundiais, passando pelas diversas Organizações Não-Governamentais que buscam alertar a humanidade sobre a sociedade de risco em construção e chegando aos fundamentalismos religiosos/ao terrorismo, nota-se que a ideia da Nova Ordem Mundial apregoada no início dos anos 1990 pelos países desenvolvidos está longe de ser alcançada. Em parte porque, ao contrário do que previam os mais otimistas, o fim do comunismo soviético não significou a ascensão de uma sociedade internacional menos conflituosa e, pior, os acontecimentos posteriores demonstraram que as Organizações Internacionais, criadas no contexto da Guerra Fria, não estavam preparadas para gerenciar os novos conflitos. Por outro lado, a crença de que o mercado livre, expresso agora em âmbito mundial, poderia gerar automaticamente uma sociedade mais justa caiu por terra com a crise atual. Por fim, percebe-se que a divulgação generalizada dos valores ocidentais tem encontrado grande resistência nos mais variados cantões do planeta – a fragmentação para além da propalada padronização.

Do ponto de vista político - e isto é o que mais interessa para as discussões propostas pelo presente artigo - o que se verifica, ainda dentro da lógica ‘padronização *versus* fragmentação’, é, por um lado, a disseminação da ideia de que o melhor caminho para os governos seria a democracia liberal e, por outro lado, em reposta a este modelo, a constituição de democracias populares, formadas por coalizações de centro-esquerda.

Democracia é um conceito polêmico nas ciências sociais. Entendemos que o processo histórico contemporâneo exige dos cientistas uma análise mais atenta à questão democrática, tendo em vista a complexidade social e de movimentos da sociedade em que estamos inseridos. Se retornarmos à Segunda Internacional, que via a revolução proletária como necessária e inevitável, nos deparamos com uma visão

A QUESTÃO DEMOCRÁTICA NA AMÉRICA DO SUL E A QUEDA DE FERNANDO LUGO

ISRAEL ROBERTO BARNABÉ, FLORA CARVALHO DE OLIVEIRA E FREITAS FONSECA E
MARCOS ROGÉRIO VIEIRA DE ARAUJO FILHO

extremamente negativa da democracia, sendo esta vista apenas como uma típica expressão ideológica da classe burguesa. Essa corrente, assumida por parte da esquerda latino-americana, pensava na falsidade ideológica de representação gerada por um regime democrático onde o cidadão (elemento primeiro desse regime político), individualizado, seria incapaz de organizar-se e de exigir seus direitos, inclusive o direito maior de participação política.

Entretanto, as discussões sobre democracia e sociedade civil ressurgem na América Latina a partir da década de 1980 como um rejuvenescimento da vida pública, em resposta aos limites políticos dos períodos ditatoriais vivenciados pela maioria dos países da região nas décadas anteriores, buscando retomar os espaços usurpados pelos governos autoritários. Nesse período começam a surgir os chamados ‘novos movimentos sociais’ e outros tipos de organizações da sociedade que, embora fragmentados, localizados e com pouca participação popular, vão adquirindo certa importância no cenário político.

A partir daí, a sociedade civil e a ideia de democracia tornaram-se objetos de discussão constante. Na primeira reunião entre os Chefes de Estado e Governo da América Latina e Caribe e da União Européia (Cimeira), realizada na cidade do Rio de Janeiro, nos dias 28 e 29 de Junho de 1999, algumas discussões tiveram a sociedade civil como foco. No item 33 da "Declaração do Rio de Janeiro" - documento resultante desta reunião, os participantes se comprometem em,

Ressaltar a importância da contribuição de novos atores, parceiros e recursos da sociedade civil com o objetivo de consolidar a democracia, o desenvolvimento social e econômico, bem como aprofundar o respeito aos direitos humanos. A cooperação internacional, envolvendo recursos públicos, requer um diálogo do qual participem os Governos e a Sociedade Civil. [...]

vi.

Atualmente, a América do Sul passa por um momento de reavaliação das políticas neoliberais implementadas nas últimas décadas (brevemente apresentadas) e de buscas por alternativas, por respostas aos diversos problemas enfrentados pelos países da região. Tanto a adesão ao modelo neoliberal quanto sua crítica, feita pelos governos de centro-esquerda que assumiram o poder na região no início dos anos 2000, foram semelhantes em toda a América do Sul. Os termos sociedade civil e democracia têm sido usados, muitas vezes, como conceitos fechados, referindo-se à sociedade como um todo homogêneo e sem conflitos, no caso do primeiro, e com um único significado, moldado à lógica neoliberal, no caso do segundo. Entretanto, as posturas dos países apontam singularidades e diferenças que merecem ser analisadas. As duas faces dos regimes democráticos sul-americanos (liberal e popular) se inserem nessas discussões.

A QUESTÃO DEMOCRÁTICA NA AMÉRICA DO SUL E A QUEDA DE FERNANDO LUGO

ISRAEL ROBERTO BARNABÉ, FLORA CARVALHO DE OLIVEIRA E FREITAS FONSECA E
MARCOS ROGÉRIO VIEIRA DE ARAUJO FILHO

Na verdade, os processos de redemocratização vivenciados pela América Latina nos anos 1980, por um lado, e a implantação e os resultados das políticas neoliberais, do outro, levaram a região a um tipo de polarização política (centro-direita – centro-esquerda) e ao desenho de duas formas diferentes de democracia: o primeiro servindo de base para a implementação das diretrizes do Consenso de Washington (democracia neoliberal); e o segundo, fruto do descontentamento social, propondo reavaliações ao modelo e priorizando políticas públicas (democracia popular).

Utilizando o trabalho de Alberto Rocha Valencia^{VII}, é possível mapear três grupos distintos de países na América do Sul, de acordo com suas posturas político-econômicas das últimas décadas: i) os países “transformadores” (Venezuela, Bolívia e Equador), marcados pelas duras críticas ao neoliberalismo e pela defesa da autonomia da região; ii) os países “reformadores” (Brasil, Argentina, Uruguai e Paraguai), com uma posição anti-neoliberal menos radical; iii) os países “modernizadores” que, na América do Sul, são representados pelo Chile, que embora critique o caráter dogmático do neoliberalismo, aposta em suas premissas, em um “neoliberalismo suave”. Para completar o conjunto dos países sul-americanos, vale citar Colômbia e Peru, com posições bastante alinhadas com os Estados Unidos, e Guiana e Suriname que têm, na Unasul, a primeira oportunidade de um maior envolvimento com a América do Sul.

Neste contexto de semelhanças e diferenças, as discussões em torno da democracia configuram-se como mais um dilema a ser resolvido na região. Democracia, na verdade, passou a ser uma “palavra mágica” utilizada nos discursos de lideranças políticas, nos fóruns mundiais, nas manifestações de protesto, sem um necessário acordo sobre sua definição. Afinal, a democracia é definida pelo formato (eleições diretas) ou é medida pelo tipo de relação existente entre estado e sociedade? É expressa quando representa a maioria ou quando leva em consideração também os anseios da minoria? Esta dificuldade na definição do conceito de democracia tem gerado embates entre os países da América do Sul onde democracias populares, convivem com outras formas democráticas e com outros níveis de liberdade de mercado e de expressão. Não é à toa que o Chile somente concordou em ratificar o Tratado Constitutivo da Unasul mediante ao compromisso da organização em incluir no Tratado a “Cláusula Democrática” que autoriza a expulsão do país que ferir princípios democráticos e dos direitos humanos. Assim, a América do Sul se apresenta hoje como um grande laboratório de investigação desses dois tipos de modelos democráticos (liberal e popular) sendo que, do nosso ponto de vista, foi nesta conjuntura política que aconteceu o impeachment do presidente paraguaio, Fernando Lugo, em junho de 2012.

Democracia Liberal *versus* Democracia Popular: a queda de Fernando Lugo^{VIII}

A QUESTÃO DEMOCRÁTICA NA AMÉRICA DO SUL E A QUEDA DE FERNANDO LUGO

ISRAEL ROBERTO BARNABÉ, FLORA CARVALHO DE OLIVEIRA E FREITAS FONSECA E
MARCOS ROGÉRIO VIEIRA DE ARAUJO FILHO

O período da deposição do presidente Fernando Lugo foi muito conturbado para a política interna do Paraguai, reverberando em toda a América Latina. A dificuldade de acesso às informações no período da deposição foi uma das coisas que primeiro chamou a atenção dos pesquisadores envolvidos no Informe Paraguai do Gedes. No dia em que ocorreu a deposição que, para alguns analistas se caracterizou com um golpe de Estado, todos os sistemas de comunicação com o Paraguai tiveram problemas, os sites saíram do ar (Presidência, Ministério da Defesa e os jornais locais mais importantes). Pouquíssimas notícias foram veiculadas nos canais oficiais do país. Somente no dia 22 de junho de 2012, o Informe Paraguai conseguiu ter acesso às primeiras notícias sobre o impeachment do Presidente e sobre a manifestação contrária da União das Nações Sul-Americanas (Unasul), afirmando que o bloco regional não apoiaria a saída de Lugo. A Unasul divulgou nota afirmando que o bloco respeitava a soberania do Estado paraguaio e que a manifestação do bloco sobre o conflito resultante da deposição teria apenas a intenção de salvaguardar a democracia na América Latina, não reconhecendo, portanto, o então novo presidente do Paraguai, Federico Franco. A OEA e o Mercosul também se manifestaram diante da crise.

A equipe do Informe Paraguai só obteve novas notícias sobre o acontecimento e a situação no Paraguai no dia 09 de agosto, quando do estabelecimento mais concreto do governo Franco. Neste período, ocorreram várias manifestações do novo mandatário conta os blocos regionais e países que não o reconheciam como legítimo, conforme mostra a notícia abaixo:

O presidente paraguaio, Federico Franco, declarou a jornal brasileiro que o Mercosul deixou de ser um bloco comercial, que, agora tornou-se um clube ideológico de amigos e que a suspensão do Paraguai foi uma medida política e não jurídica, portanto, ilegal. O mandatário também afirmou que o problema não são as relações com a Venezuela e sim com o presidente venezuelano, Hugo Chávez, que apoiaria grupos terroristas, como as Forças Armadas Revolucionárias da Colômbia (Farc) e o autodenominado Exército dos Povos Paraguaio (EPP)^{IX}.

De um modo geral, pode-se afirmar que a integração política resulta da percepção e do concerto, por parte dos atores envolvidos no processo, de um conjunto de interesses e valores comuns. Assim, o sucesso dos processos de integração depende, em grande medida, da capacidade dos atores na construção de um concerto de interesses, valores e expectativas comuns que se sobreponha às divergências existentes entre as unidades políticas. As questões levantadas nos países sul-americanos e nos blocos regionais acerca da queda de Lugo explicitam diferenças e apontam alguns dos desafios que precisam ser superados para os avanços dos processos integracionistas.

A QUESTÃO DEMOCRÁTICA NA AMÉRICA DO SUL E A QUEDA DE FERNANDO LUGO

ISRAEL ROBERTO BARNABÉ, FLORA CARVALHO DE OLIVEIRA E FREITAS FONSECA E
MARCOS ROGÉRIO VIEIRA DE ARAUJO FILHO

A crítica feita a Chaves e à sua forma de condução político-econômica, pelo então presidente Federico Franco questiona, na verdade, todos os governos de vertente centro-esquerda que chegaram ao poder na América do Sul questionando modelo neoliberal e desnuda uma região dividida, do ponto de vista político, por duas vertentes diferentes: uma mais próxima aos interesses dos Estados Unidos e do capital internacional (democracia liberal) e outra voltada aos interesses nacionais, mais crítica aos modelos externos e defendendo uma atuação mais incisiva do Estado (democracia popular). Ainda sobre Chaves, vale a pena apresentar aqui a fala da então Secretária de Estado, Condoleezza Rice, quando de sua visita à região. Quando o jornalista William Waack perguntou se era possível trabalhar com Chaves, a Secretária respondeu:

Esta é uma questão de que políticas um país busca, que interesses um país busca. Historicamente nós temos boas relações com a Venezuela. E gostaríamos de ter boas relações com a Venezuela de novo. A questão é os países e seus líderes estão trabalhando por democracia, por comércio livres, por prosperidade e por justiça social para o seu povo? Eles estão respeitando seus vizinhos?^x

Fica claro na resposta a necessidade, defendida pelos Estados Unidos, dos governos aderirem não apenas à democracia, mas ao modelo de democracia liberal (“por livres comércios”). Assim, no Paraguai, Federico Franco critica a inserção da Venezuela como membro pleno do Mercosul, conforme notícia do ABC Collor destacada pelo Informe Paraguai:

No dia 7 de agosto, em San Lorenzo, o presidente Federico Franco descartou retirar o protocolo de ingresso da Venezuela no Mercosul, enviado ao Congresso na semana anterior. Franco afirmou que o Senado necessitará de tempo para analisar a adesão da Venezuela como sócio pleno do bloco^{xi}.

Franco governou o Paraguai entre 22 de junho de 2012 e 15 de agosto de 2013, quando foi sucedido por Horacio Cartes, do Partido Colorado. Tendo reconhecimento internacional gradual de seu governo, Franco tomou medidas que demonstram a diferente postura política do Partido Liberal, se comparada aos governos de centro-esquerda sul-americanos. Dentre essas medidas se destacam: i) decisão contrária ao ingresso da Venezuela ao Mercosul como membro pleno e a natural não aceitação da suspensão do Paraguai do Mercosul e da Unasul; ii) questionamentos sobre a questão energética, envolvendo Brasil e Argentina, iii) maior aproximação com os Estados Unidos, envolvendo inclusive exportação de petróleo. Sobre essa questão, o Jornal ABC Collor destacou que,

A QUESTÃO DEMOCRÁTICA NA AMÉRICA DO SUL E A QUEDA DE FERNANDO LUGO

ISRAEL ROBERTO BARNABÉ, FLORA CARVALHO DE OLIVEIRA E FREITAS FONSECA E
MARCOS ROGÉRIO VIEIRA DE ARAUJO FILHO

No dia 03 de junho, o presidente do Paraguai, Federico Franco declarou haver na região do Chaco, tanto petróleo quanto no Oriente Médio. Franco afirmou que estão sendo tomadas medidas legais e técnicas para a exploração e que a quantidade será suficiente para suprir as necessidades dos Estados Unidos sem que o mesmo dependa do fornecimento da Venezuela ou dos países do Oriente médio^{XII}.

No dia 29 de junho de 2012, durante a 43ª Cúpula do Mercosul que aconteceu em Mendoza, Argentina, o Paraguai foi suspenso do bloco. Em agosto do mesmo ano foi a vez dos países-membros da Unasul afastarem o país.

No dia 14 de agosto, no Peru, o presidente do Grupo de Alto Nível da Unasul, Salomon Lerner, anunciou que a organização ratificou a suspensão temporária do Paraguai, em função do afastamento do ex-presidente Fernando Lugo. A decisão foi tomada com base em um relatório produzido no Paraguai por diplomatas que atuam em embaixadas de países sul americanos. O documento destacou que, apesar da normalidade econômica que vive o Paraguai, foram relatadas denúncias de violações de liberdades políticas e de Direitos Humanos contra os apoiadores do ex-mandatário. No dia 15, mediante nota à imprensa, a chancelaria peruana informou que o Grupo prosseguirá com o trabalho de monitoramento permanente no Paraguai e que o organismo ratificou o compromisso de contribuir para o restabelecimento do diálogo no país^{XIII}.

Em resposta às preocupações levantadas pelos então Ministros das Relações Exteriores Antonio Patriota (Brasil) e Luis Almagro (Uruguai) com relação à situação no Paraguai, José Félix Fernández Estigarribia, Ministro de Relações Exteriores no governo Franco, procurou atenuar as tensões provocadas pela queda de Lugo e evitar novas eleições no país. Conforme mostra o Jornal ABC Collor,

No dia 6 de outubro, o ministro das Relações Exteriores paraguaio, José Félix Estigarribia, em resposta às recentes declarações de seu homólogo brasileiro, Antonio Patriota, afirmou que o governo do presidente Federico Franco defende a plena vigência da democracia e reiterou a intransigência das medidas impostas ao Paraguai. O chanceler enfatizou a importância de Patriota considerar a possibilidade de retirada dessas sanções o quanto antes, uma vez que a resolução do caso será algo benéfico para ambas as nações. Estigarribia também alegou que deseja que o chanceler uruguaio, Luis Almagro, compreenda que não é necessária a realização das próximas eleições para que o povo paraguaio seja reconhecido por sua democracia^{XIV}.

A QUESTÃO DEMOCRÁTICA NA AMÉRICA DO SUL E A QUEDA DE FERNANDO LUGO

ISRAEL ROBERTO BARNABÉ, FLORA CARVALHO DE OLIVEIRA E FREITAS FONSECA E
MARCOS ROGÉRIO VIEIRA DE ARAUJO FILHO

Embora tenha havido pressão também da União Europeia para que o governo de Franco fosse reconhecido, principalmente pelo Mercosul, isso somente aconteceu depois das eleições de 2013 e a subida ao poder de Horacio Cartes. Conforme mostra notícia levantada pelo Informe Paraguai,

No dia 22 de fevereiro, foi solicitado o retorno do Paraguai ao Mercosul pelo representante da União Europeia (UE), Dr. Claude Robert Ellner. O embaixador da Alemanha afirmou que para a UE, o Paraguai continua sendo reconhecido como membro do Mercosul e que portanto, o bloco europeu não manterá relações com o sul-americano até que a situação do mesmo seja regularizada e o governo Franco possa participar novamente das reuniões do Mercosul^{xv}.

Horacio Carter foi eleito presidente do Paraguai em em 21 de abril de 2013, com 45,83 por cento dos votos e tomou posse em 15 de agosto. Apesar de sua postura conservadora, a eleição fez com que a normalidade institucional voltasse ao país e que desaparecessem as tensões causadas pela queda de Fernando Lugo.

No dia 03 de junho, uma delegação do Fundo Monetário Internacional (FMI) se reuniu com o presidente paraguaio eleito, Horacio Cartes. De acordo com o diretor do Departamento do Hemisfério Ocidental da organização, Alejandro Werner, na ocasião, discutiu-se a necessidade da manutenção de bons relacionamentos entre o FMI e o Paraguai e foram traçadas perspectivas para a economia da América Latina e consequentemente paraguaias^{xvi}.

No dia 12 de julho de 2013 o Mercosul revogou a suspensão do Paraguai, que passou novamente a ingressar o Bloco no dia 15 de agosto. Com relação à Unasul,

No dia 09 de agosto, foi anunciada a revogação da medida que mantinha o Paraguai suspenso da Unasul, em vigor desde junho de 2012. A decisão foi anunciada pela chancelaria do Peru, atual presidente do bloco, que confirmou também a presença do presidente peruano, Ollanta Humala, na cerimônia de posse de Horacio Cartes, presidente paraguaio eleito em abril deste ano. O retorno do Paraguai está marcado para o dia 15 de agosto, quando Cartes assume o poder^{xvii}.

Além de fazer novamente parte do Mercosul e da Unasul, o Paraguai, tendo à frente o presidente Horácio Cartes, também reatou relações com a Argentina e buscou nova aproximação com o Brasil; ações veiculadas pelas notícias abaixo:

A QUESTÃO DEMOCRÁTICA NA AMÉRICA DO SUL E A QUEDA DE FERNANDO LUGO

ISRAEL ROBERTO BARNABÉ, FLORA CARVALHO DE OLIVEIRA E FREITAS FONSECA E
MARCOS ROGÉRIO VIEIRA DE ARAUJO FILHO

No dia 10 de setembro, o presidente do Paraguai, Horácio Cartes, esteve reunido com a mandatária argentina Cristina Kirchner. A reunião teve como pauta questões da agenda bilateral, como o andamento do processo de integração regional e aspectos da conectividade física entre os dois países, para a promoção do desenvolvimento econômico e social nas áreas de fronteira. Ainda durante o encontro, Cartes propôs à Argentina a renegociação da dívida paraguaia com a Entidade Binacional Yacyretá (EBY). Ficou acordado entre os chefes de Estado que os chanceleres terão um prazo de sessenta dias para realizar um diagnóstico a respeito do caso. No dia 11 de setembro, Héctor Timerman e Eladio Loizaga, ministros das Relações Exteriores da Argentina e Paraguai, respectivamente, se reuniram para avançar as conversas a respeito da instalação de grupos de trabalho a nível bilateral^{XVIII}.

No dia 01 de outubro, o presidente do Paraguai, Horácio Cartes, durante visita oficial ao Brasil, esteve reunido com a presidenta Dilma Rousseff. Na ocasião os homólogos discutiram a respeito do aprofundamento do processo de integração latino-americana. Durante o encontro, Cartes agradeceu ainda a ajuda brasileira na luta contra o Paraguai^{XIX}.

Cartes e Dilma inauguram linha de transmissão hidrelétrica em Itaipu. No dia 29 de outubro, o presidente do Paraguai, Horacio Cartes e a presidenta do Brasil, Dilma Rousseff, inauguraram a nova linha de transmissão da usina hidrelétrica binacional de Itaipu. A construção da subestação Villa Hayes e da linha de 500 kV foi feita com o aporte de 400 milhões de dólares do Brasil ao Fundo para a Convergência Estrutural do Mercosul (FOCEM). Durante o evento os presidentes destacaram a vontade política dos países em ampliar a agenda bilateral, anunciando o início breve de novas obras com o objetivo de promover a interconexão entre os oceanos Atlântico e Pacífico através do território paraguaio^{XX}.

Considerações Finais

Como procuramos demonstrar neste trabalho, a queda do Presidente do Paraguai Fernando Lugo pode ser analisada a partir dos modelos democráticos vivenciados pela América do Sul. A região experimenta, na atualidade, dois modelos democráticos: i) de um lado, governos de centro-esquerda, mais preocupados com o interesse nacional e com as políticas públicas, criticando a importação de modelos político-econômicos e buscando caminhos relativamente mais autônomos – democracia popular; ii) de outro lado, governos mais alinhados com os Estados Unidos e com o modelo neoliberal – democracia liberal. A questão que se coloca para a região, referente a esses modelos políticos é até que ponto podem conviver sem maiores tensões para a região, ou se a equalização da questão democrática seria uma condição *sine qua non* para os avanços integracionistas na América do Sul. A história irá dizer.

Notas

A QUESTÃO DEMOCRÁTICA NA AMÉRICA DO SUL E A QUEDA DE FERNANDO LUGO

ISRAEL ROBERTO BARNABÉ, FLORA CARVALHO DE OLIVEIRA E FREITAS FONSECA E
MARCOS ROGÉRIO VIEIRA DE ARAUJO FILHO

^I Professor Doutor do Departamento de Relações Internacionais e do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Sergipe.

^{II} Graduanda de Relações Internacionais pela Universidade Federal de Sergipe.

^{III} Graduando de Relações Internacionais pela Universidade Federal de Sergipe

^{IV} SANTOS, M. **Encontro com Milton Santos: o mundo global visto do lado de cá.** (DVD). Rio de Janeiro: Caliban Produções Cinematográficas, s/d.

^V IANNI, O. **A Era do Globalismo.** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1997.

^{VI} Cimeira - Jornal **O Estado de São Paulo**, 30/6/1999.

^{VII} Rocha Valencia, A. La integración regional como vía para alcanzar la autonomía de América Latina. Revista Electrónica del Departamento de Estudios Ibéricos y Latinoamericanos de la Universidad de Guadalajara. http://www.contextualizacioneslatinoamericanas.com/pdf/n_2_contextualizaciones.pdf. Acesso em 27/09/2010.

^{VIII} Esta parte do trabalho é resultado da pesquisa do “Informe Paraguai” do Observatorio Sudamericano De Defensa Y Fuerzas Armadas, sediado na Universidade Federal de Sergipe.

^{IX} ABC Color – Política 06/08/2012; IP Paraguay – Política – 05/08/2012.

^X <<http://www.embaixadaamericana.org.br/arcindex.php?action=materia&id=6625&submenu=&itemmen> u=21>. Acesso em 30/03/2015.

^{XI} ABC Color – Política – 08/08/2012.

^{XII} ABC Color Política 04/06/2013.

^{XIII} IP Paraguay – Internacionales – 13/08/2012; ABC Color – Política – 14/08/2012; ABC Color – Política – 15/08/2012; ABC Color – Política – 16/08/2012; IP Paraguay – Internacionales – 15/08/2012; La Nación – Política – 15/08/2012.

^{XIV} ABC Color – Política – 06/10/2012.

^{XV} ABC Color – Política – 23/02/2013/ IP Paraguay – Política – 23/03/2013.

^{XVI} ABC Color Política 04/06/2013.

^{XVII} IP Paraguay - Política - 10/08/2013; ABC Color - Política 09/08/2013; ABC Color – Política – 11/08/2013; La Nación – Política – 12/08/2013.

^{XVIII} ABC Color – Política – 09/09/2013; ABC Color – Política – 11/09/2013; IP Paraguay - Política - 10/09/2013; La Nación – País – 09/09/2013.

^{XIX} IP Paraguay – Política – 30/09/2013; ABC Color – Política – 01/10/2013.

^{XX} ABC Color – Política – 29/10/2013; IP Paraguay – Política – 29/10/2013.

Referências Bibliográficas

BARBOSA, R. A. **América Latina em Perspectiva: a integração regional da retórica à realidade.** São Paulo: Aduaneiras, 1991.

BARNABÉ, I. R. Mercosul: Estado-Nação e Política Regional. **Revista de Administração & Sociedade.** Centro de Pós-graduação, Pesquisa e Extensão da Opec. Ano 1, v.1, 2000.

A QUESTÃO DEMOCRÁTICA NA AMÉRICA DO SUL E A QUEDA DE FERNANDO LUGO

ISRAEL ROBERTO BARNABÉ, FLORA CARVALHO DE OLIVEIRA E FREITAS FONSECA E
MARCOS ROGÉRIO VIEIRA DE ARAUJO FILHO

BAUMANN, R. A geopolítica da Integração na América Latina – uma perspectiva sul-americana. In: LIMA, M. C. (org.) **O Lugar da América do Sul na Nova Ordem Mundial**. São Paulo: Cortez, 2001.

BERNAL-MEZA, R. America del Sur en el Sistema Mundial Hacia el Siglo XXI. In: LIMA, M. C. (org.) **O Lugar da América do Sul na Nova Ordem Mundial**. São Paulo: Cortez, 2001.

CIMEIRA - Declaração do Rio de Janeiro. **O Estado de S. Paulo**. São Paulo, 30 de junho de 1999.

HASS, E. **The uniting of Europe**. London: Stevens and Sons, 1958.
<http://www.contextualizacioneslatinoamericanas.com/pdf/n_2_contextualizaciones.pdf>. Acesso em 27/09/2010.

IANNI, O. **A Era do Globalismo**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1997.

INFORME PARAGUAI. **Observatorio Sudamericano de Defensa y Fuerzas Armadas**.

MONIZ BANDEIRA, L. A. **Unasur: Uma forma eficaz de evitar la subordinación de América del Sur**. <<http://www.amersur.org.ar/Integ/Bandeira0806.htm>>. Acesso em 08 de julho de 2009.

MONIZ BANDEIRA, L. A. **Brasil e América do Sul: adeus à condição de quintal**. <<http://www.outraspalavras.net/?p=1658>>. Acesso em 15/09/2010.

ONUKEI, J. Para onde caminha o Mercosul? **Revista Múltipla**, nº 6. Brasília, julho de 1999.

ROCHA VALENCIA, A. La integración regional como vía para alcanzar la autonomía de América Latina. **Revista Electrónica del Departamento de Estudios Ibéricos y Latinoamericanos de la Universidad de Guadalajara**.

A QUESTÃO DEMOCRÁTICA NA AMÉRICA DO SUL E A QUEDA DE FERNANDO LUGO

ISRAEL ROBERTO BARNABÉ, FLORA CARVALHO DE OLIVEIRA E FREITAS FONSECA E
MARCOS ROGÉRIO VIEIRA DE ARAUJO FILHO

SANTOS, M. **Encontro com Milton Santos: o mundo global visto do lado de cá.** (DVD). Rio de Janeiro: Caliban Produções Cinematográficas, s/d.

STUART, A. M. **Regionalismo e Democracia: uma construção possível.** Tese de Doutorado. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas - USP. São Paulo, 2002.

TRATADO Constitutivo da União de Nações Sul-Americanas.
<http://www.amersur.org.ar/Integ/UNASUR0805.htm>. Acesso: 07 de julho de 2009.